

AUTORA BESTSELLER DE COMER, ORAR, AMAR

ELIZABETH
GILBERT

A
GRANDE
MAGIA

DESCUBRA A CRIATIVIDADE
E VIVA EM PLENO



Este é para ti, Rayya

P: O que é a criatividade?

R: É o relacionamento entre um ser humano
e os mistérios da inspiração.

ÍNDICE

PARTE I
CORAGEM
9

PARTE II
ENCANTAMENTO
33

PARTE III
PERMISSÃO
85

PARTE IV
PERSISTÊNCIA
141

PARTE V
CONFIANÇA
199

PARTE VI
DIVINDADE
263

CORAGEM

Tesouro escondido

Era uma vez um homem chamado Jack Gilbert, que, infelizmente, não era meu parente.

Jack Gilbert foi um grande poeta, mas, se nunca ouviu falar dele, não se preocupe. A culpa não é sua. Ele nunca fez grande questão de ser conhecido. Mas eu conhecia-o — embora não pessoalmente — e nutria por este homem um grande afeto. Vou então falar-lhe um pouco a respeito dele.

Jack Gilbert nasceu em Pittsburgh, em 1925, e cresceu no meio do fumo, do barulho e do complexo industrial da cidade. Trabalhou em fábricas e siderurgias quando era jovem, mas desde cedo demonstrou vocação para escrever poesia. Aceitou, sem hesitar, o chamamento da vocação. Encarou a poesia da maneira como outros homens encaram o ato de se tornarem monges: como uma prática de devoção, um ato de amor e um compromisso vitalício com a busca da graça e da transcendência. Imagino que essa seja uma excelente maneira de alguém se tornar poeta. Ou, para falar a verdade, de se tornar qualquer coisa que inspire o seu coração e lhe dê vida.

Jack poderia ter sido famoso, mas não era essa a sua intenção. Tinha talento e carisma para a fama, mas nunca teve interesse nela. A sua primeira coletânea de poemas, publicada em 1962, venceu o prestigioso prémio de Yale para jovens poetas

e foi nomeada para o Pulitzer. Como se não bastasse, conquistou ainda público e crítica, tarefa nada fácil para um poeta no mundo moderno. Havia nele algo que atraía as pessoas e as mantinha cativadas. Era bonito, intenso, *sexy* e brilhante em palco. Um íman para as mulheres e um ídolo para os homens. Em fotografias tiradas para a revista *Vogue*, aparece lindo e com um ar romântico. As pessoas eram loucas por ele. Poderia bem ter sido uma estrela de *rock*.

Em vez disso, desapareceu. Não queria que a comoção desviasse a sua atenção. Anos mais tarde, afirmou que achava a sua fama entediante — não porque fosse imoral ou pudesse corrompê-lo, mas pelo simples facto de que era exatamente a mesma coisa todos os dias. Buscava algo mais profundo, mais substancial, mais variado. Então largou tudo. Foi viver para a Europa e por lá ficou durante vinte anos. Morou algum tempo na Itália e na Dinamarca, mas passou a maior parte dessas duas décadas na Grécia, numa cabana no cimo de uma montanha. Lá contemplava os mistérios eternos, assistia à mudança da luz e escrevia os seus poemas sem ser incomodado. Teve as suas histórias de amor, os seus obstáculos, as suas vitórias. Foi feliz. Conseguiu sustentar-se fazendo trabalhos esporádicos aqui e ali. Precisava de pouco. Deixou que o seu nome fosse esquecido.

Após duas décadas, Jack Gilbert ressurgiu e publicou outra coletânea de poemas. Mais uma vez, o mundo das Letras se apaixonou por ele. Mais uma vez, teve a oportunidade de ser famoso. Mas voltou a desaparecer — e desta vez por uma década. Esse padrão repetia-se sempre: isolamento seguido da publicação de algo sublime, seguida de mais isolamento. Era como uma orquídea rara, florescendo apenas de muitos em muitos anos. Nunca fez o menor esforço para se promover. (Numa das poucas entrevistas que Gilbert deu na vida,

perguntaram-lhe em que medida achava que o seu distanciamento do mundo editorial tinha afetado a sua carreira. Ele riu e disse: «Imagino que tenha sido fatal.»)

A única razão pela qual ouvi falar de Jack Gilbert foi o facto de ele voltar aos Estados Unidos já bem tarde na vida e — por motivos que nunca conhecerei — aceitar um cargo temporário de professor no departamento de Escrita Criativa da Universidade do Tennessee, em Knoxville. Por acaso, no ano seguinte, 2005, aceitei exatamente o mesmo cargo. (Pelo *campus* começou a correr a piada de que aquela era a «cátedra Gilbert».) Encontrei os livros de Jack Gilbert na minha sala — a mesma sala que ele ocupara. Era quase como se eu ainda pudesse sentir o calor da sua presença naquele lugar. Li os seus poemas e fui arrebatada pelo esplendor e pela forma como a sua poesia me fazia lembrar a de Whitman. («Precisamos de assumir o risco do júbilo», escreveu. «Precisamos de, no meio das crueis provações deste mundo, ter a obstinação de aceitar a nossa felicidade.»)

Ele e eu tínhamos o mesmo sobrenome, tínhamos ocupado o mesmo cargo e a mesma sala, ensinado muitos dos mesmos alunos, e eu estava apaixonada pelas suas palavras; naturalmente, comecei a desenvolver uma profunda curiosidade a respeito dele. E fui perguntando: Quem era Jack Gilbert?

Os alunos contaram-me que era o homem mais extraordinário que alguma vez tinham conhecido. Parecia não ser deste mundo. Parecia viver num constante estado de encantamento e incentivava-os a fazerem o mesmo. Não os ensinou exatamente *como* escrever poesia, disseram, mas *porquê*? Pelo júbilo. Pela felicidade obstinada. Disse-lhes que precisavam de viver com o máximo de criatividade para se defenderem das crueis provações deste mundo.

Acima de tudo, porém, pedia aos alunos que fossem corajosos. Sem coragem, nunca conseguiram concretizar a vasta extensão das próprias capacidades. Sem coragem, nunca conheciam o mundo de maneira tão rica quanto ele anseia ser conhecido. Sem coragem, as suas vidas permaneceriam pequenas — muito mais pequenas do que provavelmente queriam que fossem.

Nunca conheci Jack Gilbert pessoalmente, e ele já partiu — faleceu em 2012. Eu poderia ter assumido a missão pessoal de o ter procurado e conhecido enquanto foi vivo, mas nunca quis. (A experiência ensinou-me a ser cautelosa sempre que se trata de conhecer os meus heróis; pode ser extremamente decepcionante.) De qualquer forma, sempre gostei da maneira como ele vivia dentro da minha imaginação, com uma enorme e poderosa presença, construída a partir dos seus poemas e das histórias que eu tinha ouvido a respeito dele. Então decidi conhecê-lo somente dessa maneira — através da imaginação. E é aí que ele ainda se encontra para mim até hoje: vivo dentro de mim, completamente interiorizado, quase como se fosse um produto dos meus sonhos.

Mas jamais esquecerei o que o verdadeiro Jack Gilbert disse a outra pessoa — uma pessoa de verdade, de carne e osso, uma tímida estudante da Universidade do Tennessee. Essa jovem contou-me que, certa tarde, depois da aula de Poesia, Jack a chamou à parte. Elogiou o seu trabalho e depois perguntou o que queria fazer da vida. Hesitante, a aluna admitiu que talvez quisesse ser escritora.

Ele sorriu-lhe com infinita compaixão e perguntou: «Tens a coragem necessária? Tens coragem de deixar vir à tona esse trabalho? Os tesouros escondidos dentro de ti estão à espera de que digas *sim*.»

O que é viver criativamente

Esta, acredito, é a pergunta central da qual depende toda a vida criativa: *Tem coragem de deixar vir à tona os tesouros que estão escondidos dentro de si?*

Olhe, não sei o que está escondido dentro de si. Não tenho como saber. Talvez até mesmo o leitor mal o saiba, embora eu suspeite de que já tenha tido vislumbres. Não conheço as suas capacidades, as suas aspirações, os seus desejos, os seus talentos escondidos. Mas há, com certeza, algo maravilhoso guardado dentro de si. Digo isto com total confiança, pois acredito que somos todos repositórios ambulantes de tesouros escondidos. Acredito que essa seja uma das partidas mais antigas e generosas que o Universo nos tem pregado, a nós, seres humanos, tanto para sua própria diversão quanto para a nossa: ele enterra estranhas joias bem no fundo de todos nós, depois afasta-se e fica a observar para ver se conseguimos encontrá-las.

A caça para encontrar esse tesouro: isso é viver criativamente.

A coragem, para início de conversa, de se lançar nessa caça: isso é o que separa uma existência mundana de uma existência mais mágica.

Os resultados dessa caça, muitas vezes surpreendentes: é a isso que chamo Grande Magia.

Uma existência mais ampla

Quando falo aqui de «viver criativamente», entenda que não estou necessariamente a falar de procurar uma vida dedicada, de forma profissional em exclusivo às artes. Não estou a dizer que precisa de se tornar poeta e ir morar no cimo de uma montanha na Grécia, que precisa de se apresentar no Carnegie Hall ou vencer a Palma de Ouro em Cannes. (Mas, se quiser tentar qualquer um desses feitos, *vá em frente*. Adoro ver as pessoas darem o máximo de si.) Não. Quando falo de «viver criativamente», estou a falar de uma forma mais ampla. Estou a falar de levar uma vida mais motivada pela curiosidade do que pelo medo.

Um dos melhores exemplos de vida criativa que vi nos últimos anos veio da minha amiga Susan, que começou a fazer patinagem artística aos quarenta anos. Para ser mais precisa, na verdade, ela já sabia patinar. Tinha participado em competições quando era criança e sempre amara fazê-lo, mas abandonou este desporto durante a adolescência, quando ficou claro que não tinha talento suficiente para se tornar uma campeã. (Ah, a adorável adolescência, quando os «talentosos» são oficialmente separados do resto do rebanho, colocando assim todo o fardo dos sonhos criativos da sociedade sobre os frágeis ombros de algumas poucas almas escolhidas e condenando

todo o resto a viver uma existência mais banal, livre de inspiração! Que sistema...)

Durante os vinte e cinco anos seguintes, a minha amiga Susan não patinou. Para que havemos de nos dar a esse trabalho se não podemos ser os melhores? E então ela completou quarenta anos. Estava cansada, inquieta. Sentia-se apagada e pesada. Fez um exame de consciência, como costumamos fazer nessas datas. Perguntou-se quando tinha sido a última vez que se sentira realmente leve, alegre e — sim — criativa na própria pele. Para seu espanto, percebeu que havia décadas que não se sentia assim. Na verdade, a última vez que experimentara essa sensação fora na adolescência, na época em que ainda fazia patinagem artística. Ficou chocada ao descobrir que tinha posto de lado essa prática tão estimulante por tanto tempo e curiosa para ver se ainda era algo que amava.

Resolveu então render-se à curiosidade. Comprou um par de patins, encontrou um ringue e contratou um treinador. Ignorou a voz interior que lhe dizia que estava a ser autocmplacente e ridícula ao cometer essa loucura. Bloqueou a sensação de extremo desconforto por ser a única mulher de meia-idade no ringue no meio de todas aquelas minúsculas e levíssimas meninas de nove anos.

Simplesmente, foi lá e fez.

Três vezes por semana, Susan acordava antes de amanhecer e, ainda sonolenta, antes de ir trabalhar, patinava. E patinava e patinava e patinava. E, sim, continuava a adorar patinar, tanto quanto sempre amara. Talvez até mais do que nunca, pois agora, já adulta, tinha finalmente maturidade suficiente para apreciar o valor da própria alegria. Patinar fazia com que se sentisse viva, imune ao passar do tempo. Deixou de sentir que mais não era do que uma consumidora, nada para além da

soma das suas obrigações e dos seus deveres diários. Estava a fazer algo por si, algo *para* si.

Era uma reviravolta. Literalmente. Uma reviravolta, rodo-piando sobre o gelo e, de novo, ganhando vida— reviravolta após reviravolta após reviravolta...

Note que a minha amiga não largou o emprego, não vendeu a casa, não se afastou de toda a gente nem se mudou para Toronto a fim de treinar setenta horas por semana com um rigoroso treinador olímpico. E não, esta história não termina com ela a ganhar uma medalha. Não é preciso. Na verdade, esta história não termina, pois Susan *ainda* pratica patinação artística várias vezes por semana — só porque patinar ainda é para ela a melhor maneira de trazer à sua vida uma certa beleza e transcendência que não parecem estar acessíveis de outra maneira. E Susan quer passar o tempo que for possível nesse estado de transcendência enquanto ainda está aqui na Terra.

E é tudo.

É a isto que chamo viver criativamente.

E, embora os caminhos e os resultados da vida criativa variem muito de pessoa para pessoa, uma coisa eu garanto: uma vida criativa é uma vida mais ampla. É uma vida maior, mais feliz e muito, muito mais interessante. Viver dessa maneira — trazendo à tona, contínua e obstinadamente, as joias escondidas dentro de cada um — é uma arte.

Porque é na vida criativa que sempre estará a Grande Magia.

Muito, muito assustador

Agora vamos falar de coragem. Se já tem coragem para trazer à tona as joias escondidas dentro de si, ótimo. É provável que já faça coisas de facto interessantes na vida e não precise deste livro. Continue assim.

Mas, se não tem essa coragem, vamos tentar encontrá-la por si. Porque viver criativamente é um caminho para os corajosos. Todos sabemos disso. E todos sabemos que, quando a coragem morre, a criatividade morre com ela. Que o medo é um ferro-velho abandonado onde nossos sonhos são largados a definhlar sob o sol escaldante. Isto é do conhecimento geral; às vezes, só não sabemos o que fazer com esta realidade.

Vou fazer uma lista de alguns dos muitos medos que o podem impedir de levar uma vida mais criativa:

Tem medo de não ter nenhum talento.

*Tem medo de ser rejeitado, criticado, ridicularizado,
incompreendido ou — pior de tudo — ignorado.*

*Tem medo de não haver mercado para a sua criatividade e,
portanto, de não fazer sentido correr atrás dela.*

Tem medo de que alguém já tenha feito melhor.

Tem medo de que toda a gente já tenha feito melhor.

Tem medo de que alguém roube as suas ideias e, por essa razão, acha melhor mantê-las escondidas no escuro para sempre.

Tem medo de não ser levado a sério.

Tem medo de o seu trabalho não ser suficientemente importante, tanto a nível político como emocional ou artístico, para mudar a vida de alguém.

Tem medo de os seus sonhos serem considerados tolos.

Tem medo de um dia olhar para trás e ver que os seus esforços criativos foram uma enorme perda de tempo, empenho e dinheiro.

Tem medo de não ter o tipo de disciplina necessária.

Tem medo de não ter o lugar certo para trabalhar, as condições financeiras ou a disponibilidade de tempo para se concentrar em invenções ou novas buscas.

Tem medo de não ter o tipo certo de treino ou formação.

Tem medo de ser gordo de mais. (Não sei exatamente o que isso tem a ver com criatividade, mas a experiência ensinou-me que a maioria de nós tem medo de ser gordo de mais, então, por via das dúvidas, vamos colocar este aspeto na lista de ansiedades)

Tem medo de ser considerado um mercenário, um idiota, um amador ou um narcisista.

Tem medo de magoar a sua família com o que possa vir a revelar.

Tem medo do que seus colegas dirão se expressar abertamente as suas verdades pessoais.

Tem medo de libertar os seus demónios mais profundos, e, na verdade, não quer mesmo confrontá-los.

Tem medo de já ter produzido o melhor que podia.

Tem medo de nunca ter tido a capacidade de produzir algo de bom, para início de conversa.

Tem medo de ter negligenciado a sua criatividade por tanto tempo que nunca vai conseguir recuperá-la.

Tem medo de estar velho de mais para começar.

Tem medo de ser jovem de mais para começar.

Tem medo porque acha que, se alguma coisa deu certo na sua vida uma vez, então, obviamente, nada pode dar certo de novo.

Tem medo porque nada deu certo na sua vida, então para quê dar-se ao trabalho de tentar?

Tem medo de só ter um sucesso.

Tem medo de não ter sucesso nenhum...

Olhe, não tenho o dia todo, então não vou continuar esta lista de medos. Seja como for, é uma lista sem fim e bastante deprimente. Vou apenas encerrar o meu resumo com o seguinte: ASSUSTADOR, ASSUSTADOR, ASSUSTADOR.

Tudo é muito assustador.

Defender as nossas fraquezas

Gostaria de esclarecer que a única razão que me permite falar com tanta autoridade sobre o medo é o facto de o conhecer intimamente. Conheço cada centímetro do medo, da cabeça aos pés. Durante toda a minha vida, fui uma pessoa medrosa. Já nasci apavorada. Não estou a exagerar; pergunte a qualquer parente meu e ele confirmará que eu era uma criança excepcionalmente assustada. As minhas memórias mais antigas são de medo, assim como quase todas as memórias que vêm depois.

Em criança, tinha medo não apenas dos perigos legítimos e reconhecidos da infância (do escuro, de estranhos, da parte mais funda da piscina), mas também de uma longa lista de coisas inócuas (da neve, de amas perfeitamente inofensivas, de carros, de parques infantis, de escadas, da *Rua Sésamo*, do telefone, de jogos de tabuleiro, do mercado, das folhas afiadas da relva, de quase todas as situações novas, de qualquer coisa que ousasse mexer-se, etc., etc., etc.).

Eu era uma criatura sensível, que se traumatizava com facilidade, e debulhava-me em lágrimas ante qualquer perturbação no meu campo de força. O meu pai, irritado, costumava chamar-me Maria Medrosa. Num certo verão, quando eu tinha oito anos, fomos para o litoral de Delaware, e o mar deixou-me tão perturbada que tentei convencer os meus pais a *impedirem*

todas as pessoas que estavam na praia de entrarem na água. (Ter-me-ia sentido muito mais à vontade se todos tivessem ficado em segurança na areia, a ler tranquilamente. Era pedir muito?) Por mim, teria passado todo aquele período de férias — na verdade, toda a minha infância — em lugares fechados, aninhada no colo da minha mãe, com uma luz ténue, de preferência com um paninho húmido e fresco sobre a testa.

É horrível dizer isto, mas aí vai: eu provavelmente teria *amado* ter uma daquelas mães com síndrome de Munchausen por procuração, que se conluiasse comigo e fingisse que eu estava sempre doente, fraca e às portas da morte. Se me tivesse sido dada essa oportunidade, teria cooperado em pleno com este tipo de mãe na criação de uma criança completamente indefesa.

Só que não tive esse tipo de mãe.

Longe disso.

Tive uma mãe que não tolerava nada daquilo. Não tolerava nem um minuto do meu drama, o que foi provavelmente a melhor coisa que me podia ter acontecido. A minha mãe cresceu numa quinta no Minnesota, filha de imigrantes escandinavos firmes, e não estava disposta a criar uma chorona. Não com o seu consentimento. A minha mãe tinha um plano para acabar com o meu medo que, de tão simples, era quase cómico. Forçava-me sempre a fazer o que eu mais temia.

Estás com medo do mar? Entra lá agora!

Estás com medo da neve? Podes pegar numa pá!

Não consegues atender o telefone? A partir de agora, estás oficialmente encarregada de atender o telefone nesta casa!

Não era uma estratégia sofisticada, mas era persistente. Acredite que eu bem tentava resistir. Chorava, fazia caretas e fracassava deliberadamente. Recusava-me a progredir.

Ficava para trás, arrastando-me e tremendo. Fazia quase tudo para provar que era, de facto, frágil tanto a nível físico como emocional.

Ao que a minha mãe respondia: «Não, não és, não.»

Passei anos a lutar contra a fé inabalável da minha mãe na minha força e nas minhas capacidades. Então, certo dia, num momento qualquer da adolescência, percebi, por fim, que a batalha que eu travava era muito estranha. Defender a minha fraqueza? Era mesmo naquilo que eu queria concentrar todos os meus esforços?

É como dizem: «Valorize as suas limitações e terá de arranjar forma de as reparar.»

Ora, porque quereria eu manter as minhas limitações?

Na verdade, como acabei por me dar conta, não queria.

E também não quero que o leitor mantenha as suas.

O medo é chato

No decorrer dos anos, questionei-me muitas vezes sobre o que, afinal, me fez parar de representar o papel de Maria Medrosa quase de um dia para o outro. Sem dúvida, essa evolução envolveu muitos fatores (o fator mãe-durona, o fator crescimento), mas acho que a principal razão foi a seguinte: por fim, percebi que o meu medo era chato.

Veja bem, todas as outras pessoas sempre tinham achado que o meu medo era chato, mas foi só lá pelo meio da adolescência que acabou por se tornar chato até para mim. Acho que o meu medo se tornou chato para mim pela mesma razão pela qual a fama se tornou chata para Jack Gilbert: *porque era a mesma coisa todos os dias*.

Por volta dos quinze anos, de alguma forma, entendi que o meu medo não tinha qualquer variedade, qualquer profundidade, qualquer substância. Percebi que o meu medo nunca mudava, nunca empolgava, nunca oferecia uma reviravolta surpreendente ou um final inesperado. O meu medo era uma música de uma nota só. Na verdade, uma música de uma palavra só — e essa palavra era «pára!». O meu medo nunca teve nada de mais interessante ou subtil para oferecer do que aquela única palavra enfática, repetida *ad infinitum*: «PÁRA, PÁRA, PÁRA, PÁRA!»

O que significa que o meu medo sempre tomou decisões previsivelmente chatas, como um livro do género enrola-e-desenrola, desses que acabam sempre da mesma maneira: *em nada*.

Também me dei conta de que o meu medo era chato porque era idêntico ao medo de todas as outras pessoas. Percebi que a música do medo tinha, para toda a gente, exatamente a mesma letra aborrecida: «PÁRA, PÁRA, PÁRA, PÁRA!» É verdade, o volume pode variar de uma pessoa para outra, mas a música em si nunca muda, porque todos nós, humanos, somos equipados com o mesmo *kit* básico de medo quando estamos a ser preparados nos úteros das nossas mães. E não só os humanos: se passar a mão sobre uma placa-de-petri que contenha um girino, ele encolher-se-á perante a sombra produzida pela sua mão. Esse girino não pode escrever poesia, não pode cantar e nunca conhecerá o amor, o ciúme ou o triunfo. Tem o cérebro do tamanho de um ponto final, mas sabe muito bem ter medo do desconhecido.

Pois eu também sei.

Todos nós sabemos. Mas não há nada de atraente nisso. Percebe o que quero dizer? Que não ganha qualquer *crédito especial* por saber como ter medo do desconhecido. Por outras palavras, o medo é um instinto muito antigo e vital em termos evolutivos... mas não é particularmente inteligente.

Durante toda a minha curta vida de aflições, concentrei-me no meu medo como se fosse a coisa mais interessante da minha personalidade, quando, na verdade, era a mais banal. Na realidade, o medo era provavelmente a minha única característica 100 por cento banal. Tinha dentro de mim uma criatividade original, uma personalidade original, sonhos, perspetivas e aspirações originais. Mas nada havia de original

no meu medo. Não era uma espécie de objeto artesanal raro; não passava de um artigo produzido em massa, disponível nas prateleiras de qualquer grande supermercado.

E era em torno disso que eu queria construir toda a minha identidade?

Em torno do instinto mais chato que eu possuía?

De um reflexo induzido pelo pânico? Um reflexo que até um girino idiota tem?

Não.

**Descubra a magia de uma vida criativa:
viva a vida com mais paixão, menos angústias
e em toda a sua plenitude**

Alguma vez pensou em escrever um livro e desistiu mesmo antes de começar? Ou em mudar de profissão, embora nunca tenha feito nada para que isso acontecesse? Ou em fazer aquela viagem que mudaria tudo, apenas para afastar logo a ideia, arranjando mil desculpas? No fundo, quantas vezes já se quis libertar das convenções, das inseguranças e do medo e seguir o chamamento de algo maior, mas não soube como fazê-lo?

Neste livro, Elizabeth Gilbert reflete sobre o papel da criatividade na construção de uma vida plena. A maioria de nós tem um lado criativo que quase nunca tenta desenvolver por motivos práticos ou pessoais. Com uma capacidade de empatia notável, a autora mostra-nos como construir uma vida mais criativa, motivada pela curiosidade. Esta perspectiva única permite-nos alcançar o que mais desejamos e enfrentar o que mais tememos.

A mudança faz-se de dentro para fora. Começa nas atitudes que temos, na forma como abordamos os lados bom e mau da vida e nos hábitos que precisamos de desenvolver para levar uma vida mais criativa, mais corajosa e mais realizada. É no equilíbrio entre a espiritualidade e o pragmatismo que Elizabeth Gilbert nos encoraja a descobrir a preciosidade que escondemos dentro de nós e a trazê-la para o nosso dia a dia.



Viver a vida com mais paixão, menos angústias e em toda a sua plenitude: é este o desafio d'A Grande Magia, uma porta aberta para o mundo da inspiração e da felicidade.



«Um guia empático e inspirador que lhe permitirá reunir a coragem necessária para viver uma vida criativa e sem limites.»

Publishers Weekly



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-530-4

